

A SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA POPULACIONAL: ESTATÍSTICA, MECANISMOS E AGÊNCIA

*Matheus Boni BITTENCOURT**

Há 15 anos, Gláucio Soares (2005) diagnosticou a fragilidade metodológica como o “calcanhar de Aquiles” da sociologia e ciência política do Brasil. Há 7 anos, Inácio Cano (2012) retornou ao problema, diagnosticando a persistência do problema. Segundo eles, a área de ciência social e política do Brasil teria uma tendência predominante de oposição e hostilidade aos métodos quantitativos e do elogio aos métodos qualitativos, que seria um artifício retórico para legitimar a ausência de rigor metodológico. Postura reproduzida pelo ensino institucionalizado de sociologia e política nas universidades brasileiras, tanto no exorcismo ritual de toda formalização e quantificação por si e na ênfase na erudição e conhecimento dos clássicos e cânones, quanto na negligência com a formação metodológica (quantitativa e qualitativa) dos futuros cientistas sociais. No entanto, o uso, estudo e desenvolvimento de métodos de pesquisa mais ou menos formalizados era uma forte preocupação dos clássicos, e marcou a sociologia do século XX (LIZÓN, 2006). Diante da atual crise de identidade e fragmentação da sociologia a nível internacional, na qual é cada vez mais difícil vislumbrar uma mínima coerência filosófica, metodológica e pragmática capaz de definir uma disciplina científica e/ou profissional (VANDENBERGHE & FUCHS, 2019), alguém poderia pensar se uma atitude mais focada e autolimitada, não seria a resposta adequada para a tendência à extrema fragmentação da sociologia. É o que sugere John Goldthorpe (2016) em *Sociology as a population science*.

O sociólogo inglês John Goldthorpe é renomado por seus estudos sobre estratificação e mobilidade social. Envolveu-se em controvérsias com a sua defesa da quantificação e rejeição dos métodos históricos e comparativos na sociologia. No

* UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania (GPVC). Porto Alegre – RS – Brasil. 91501-970 - matheusb2@yandex.com. <https://orcid.org/0000-0002-2486-3981>.

livro, *Sociology as a population science*, livremente traduzível como *A sociologia como ciência populacional*, o autor vai ao encontro dessa polêmica, apresentando suas ideias e argumentos para o presente e futuro da sociologia, disciplina científica que ele diagnostica por uma situação paradoxal de produtividade e crise.

Goldthorpe (2016) parte da Revolução Probabilística das ciências no século XX, uma revolução que abrange desde a matemática e a física até a sociologia e psicologia, passando pela estatística e biologia. Esta revolução teria criado as ciências populacionais, que estudam as propriedades de agregados complexos e plurais, compostos por elementos individuais altamente variáveis, mas cujo comportamento, em conjunto, apresenta regularidades em sentido probabilístico. Estes conceitos permitiriam conjugar duas noções aparentemente contraditórias: de um lado, a pluralidade, variabilidade e heterogeneidade individuais, e, de outro, as tendências e regularidades em nível agregado. A ideia de ciência populacional é devida ao matemático Jerzy Neyman, um dos principais nomes da estatística matemática do século XXI.

Em outras palavras, Goldthorpe (2016) defende que a missão da sociologia como disciplina científica é a explicação das regularidades sociais agregadas. De alguma maneira, a definição se aproxima e se afasta de Émile Durkheim, que também percebia o fato social como emergente de uma combinação de elementos individuais dos quais se distinguia qualitativamente, mas, por outro lado, se afasta dele de outras maneiras, buscando uma aproximação com Max Weber no tocando à questão da racionalidade subjetiva do agente, mas se afastando da teoria weberiana ao rechaçar a sociologia histórico-comparativa. Pois, segundo o autor, a sociologia se diferencia da história, que visa a explicação de eventos singulares em contextos particulares. Para ele a sociologia histórico-comparativa aparece como verdadeira heresia por violar estes dois postulados: não postula a singularidade individual, pois busca generalização, nem explica as regularidades agregadas, por se basear em um número reduzido de casos. Assim, apesar de declarar rechaço a Auguste Comte e Émile Durkheim (e Karl Marx) por atribuir a eles um determinismo rígido, há, na realidade, uma aproximação com os métodos apresentados por Durkheim nas *Regras do método sociológico* (2007) e em *O suicídio* (2004).

Por outro lado, Goldthorpe (2016) também critica a chamada sociologia de variáveis, na qual o uso de modelos de regressão assume um sentido diretamente causal, no sentido de as variáveis independentes serem tomadas como causas diretas da variável dependente. Sendo a sociologia desprovida de capacidade experimental, por lidar com sistemas necessariamente abertos, não seria possível realizar uma inferência causal direta pela ausência de controle operacional do pesquisador sobre as condições experimentais, em especial das variáveis independentes. Não aceita, porém, a crítica radical de que a ausência de controle operacional das condições de observação inviabilizaria qualquer tipo de inferência e análise social causal.

Entre a concepção do uso de métodos quantitativos como sociologia das variáveis, onde se infere diretamente a causalidade da variável independente sobre a variável dependente, e a ideia de que interpretações causais de modelos estatísticos são possíveis apenas no contexto de experimentos fechados em condições plenamente controladas pelo pesquisador (o que só ocorre em uma parcela das ciências naturais), Goldthorpe (2016) defende que as relações entre variáveis observadas e codificadas em modelos estatísticos devem ser atribuídas a mecanismos causais subjacentes. Dessa maneira, a estatística seria fundacional para a sociologia porque estabelece o seu objeto de conhecimento, na definição de Goldthorpe (2016): as regularidades probabilísticas observáveis em nível agregado da realidade social. Mas não forneceria imediatamente uma explicação para essas regularidades sociais, pois uma explicação robusta exigiria a construção de hipóteses teóricas sobre as ações e interações que, agregadas, produziriam a regularidade observada.

Neste ponto, Goldthorpe (2016) critica a ideia de que os conceitos de mecanismos geradores seriam como uma “caixa de ferramentas”, com “porcas e parafusos” que seriam pré-fabricados para serem manuseados para a construção de explicações sociológicas. Esta visão, segundo ele, seria autoconfirmatória, pois favoreceria a busca por exemplos de fenômenos explicáveis em função destes mecanismos sociais. Ao contrário, os mecanismos causais deveriam ser construídos teoricamente para explicar as regularidades sociais observadas em nível macrosocial ou agregado, e testáveis empiricamente.

Os modelos estatísticos teriam uma função eminentemente descritiva na construção da explicação sociológica, na medida em que revelariam as regularidades sociais a serem explicadas por mecanismos geradores não diretamente observáveis, subjacentes aos processos macrosociais agregados. Sendo assim, a sociologia não seria reduzida ao jogo das variáveis observadas, mas seria a busca por uma explicação teórica. As explicações sociológicas seriam interpretações causais de modelos inferenciais, cuja coerência se deveria à reflexão teórica. A narrativa teórica remeteria a mecanismos geradores subjacentes e relativos a ações e interações sociais.

Essa visão abriria espaço para uma defesa das abordagens mistas, já que as análises de modelos estatísticos poderiam ser complementadas por abordagens qualitativas, uma possibilidade que não é discutida. Ao invés disso, Goldthorpe (2016) acrescenta um conjunto de exigências menos fáceis de aceitar para a formulação das hipóteses teóricas.

Ele apresenta uma defesa do individualismo metodológico, cuja conceituação é relativamente matizada o bastante para ser um bom recurso heurístico para análises sociológicas, ainda que insuficiente como ontologia social. O ponto fraco, aqui, é que o autor reivindica uma primazia ontológica ao indivíduo, considerado não

problemático em si mesmo, e rechaça as alternativas recorrendo ao falso dilema entre um individualismo sofisticado e um holismo caricato.

Goldthorpe (2016) reconhece a precariedade e limitação do individualismo clássico. Entre estas limitações, estão uma definição bastante restrita de racionalidade subjetiva como meramente instrumental e maximizadora, a suposição de que os agentes dispõem de informação completa sobre suas escolhas, e o próprio postulado de que as ações derivam de escolhas conscientes e calculadas de um indivíduo isolado. Enfatiza, por isso, que o seu individualismo metodológico remete as regularidades sociais agregadas a ações e interações sociais, realizadas entre indivíduos em situações objetivas e guiados por uma racionalidade limitada por constrangimentos objetivos. Dessa maneira, os agentes seriam considerados em suas capacidades subjetivas e objetivas desiguais e limitadas, como Goldthorpe (2016) exemplifica em relação ao célebre problema da (baixa incidência de) mobilidade social e ocupacional por meio da educação nas famílias de classes desfavorecidas. O problema da argumentação, neste ponto, é que essa teoria da racionalidade limitada e contextual é oposta a um adversário caricato, o holismo metodológico, que poucos de fato defendem hoje na sociologia, ainda que seja, de fato, a caricatura mais difusa do discurso sociológico, o chamado sociologismo. O holismo metodológico tal como definido pelo autor é simplesmente a supressão teórica da individualidade dos agentes por um sistema sociocultural estático, cuja integração funcional é garantida pela internalização quase completa dos papéis e normas sociais pelos agentes individuais e pela sanção quase imediata dos desvios por instituições e organizações da ordem social. O indivíduo, desprovido de reflexividade, seria uma marionete do sistema onipotente, resultando na reprodução ilimitada das instituições sociais, exceto pelo gradual progresso técnico e crescente diferenciação funcional. Ainda que seja possível encontrar argumentações parciais neste sentido, e não sem razão – afinal, a continuidade de instituições sociais também exige uma explicação – é raro encontrar pesquisadores contemporâneos que suponham tal nível de ajuste entre instituições sociais e personalidade individual, sendo mais comum na sociologia contemporânea a busca por mecanismos mediadores entre situação objetiva e atitude subjetiva, entre estrutura e agência, como o *habitus*, a reflexividade, a identidade, a cultura etc.

Da mesma forma que Goldthorpe (2016) apresentou um individualismo metodológico bem temperado, seria possível inverter a argumentação e definir o holismo metodológico como uma perspectiva relacional, que rechaça as suposições rígidas e homogeneizantes do funcionalismo clássico, ainda que recuperando criticamente os conceitos de função, estrutura e controle para processos de reprodução social, mas também o conflito e reflexividade para processos de transformação social. Neste holismo metodológico sofisticado, a ênfase seria dada sobre a relação social, e não sobre o sistema fechado e estático, e a integração sistêmica ou social não seria toma-

da como automática, e sim como processo construído. As estruturas se imporiam pela situação objetiva e pela incorporação, ao longo da vida mas com ênfase nos primeiros anos, de esquemas culturais de ação em processos de socialização primária e secundária, cuja trajetória individual seria uma combinação única de antecedentes (classe, gênero, etc.) e sequências de situações de reciprocidade ou dominação ao longo da vivência individual, na qual o ajustamento entre as predisposições subjetivas (personalidade) e os constrangimentos e oportunidades objetivos (instituição) nunca seria dada de antemão, resultando em sistemas instáveis e sempre sujeitos a mudanças e flutuações. A este holismo sofisticado, poderíamos muito bem opor um individualismo metodológico caricato, ou seja, o velho individualismo utilitarista, no qual um ator isolado toma decisões conscientes e refletidas em função de um cálculo de custo-benefício com pleno conhecimento das possibilidades de escolha. Ficaria fácil optar pelo “holismo metodológico” se construirmos a argumentação dessa maneira, invertendo a que é usada por Goldthorpe (2016). O problema, além do método de argumentação duvidoso, é que a defesa do individualismo metodológico não é logicamente derivada da visão da “sociologia como ciência populacional”, mas sim uma tomada de posição a favor de uma filosofia racionalista e individualista, e em oposição a ontologias sociais igualmente (senão mais!) compatíveis com a busca por mecanismos sociais para a explicação de regularidades sociais, como, por exemplo, as abordagens inspiradas no realismo crítico (MCEVOY e RICHARDS, 2006).

Apesar do ponto fraco em relação à discussão reducionista e maniqueísta sobre o individualismo ou holismo, que em certos aspectos faz regredir o debate teórico em sociologia, o problema metodológico abordado por Goldthorpe (2016) é pertinente diante do crescente acesso a dados estatísticos e aplicativos de análise estatística e econométrica, e da necessidade perene de dotar a análise sociológica de maior rigor teórico e metodológico. Como sublinha o próprio autor, muito do que ele apresenta é de fato praticado em larga escala por sociólogos e politólogos, assim como por epidemiologistas e demógrafos, sendo a epidemiologia e a demografia as ciências das quais a sociologia como ciência populacional mais se aproxima, mas não da economia, cujos modelos estariam ainda presos à visão de causalidade robusta da variável independente sobre a variável dependente. A tarefa, segundo o autor, é de que a sociologia seja capaz de restringir seu objeto a uma definição mais precisa. Seria a autolimitação um caminho promissor?

A conjugação da variabilidade individual e regularidade social, dentro de uma concepção pluralista da realidade social, é um desafio de grande importância na teoria social contemporânea. A ideia da sociologia como ciência populacional, não necessariamente nos termos exatos pregados por Goldthorpe (2016), cuja teoria a este respeito acrescenta à discussão metodológica uma tomada de posição a favor do individualismo racionalista, em detrimento de outras concepções possíveis, como a ideia de sociologia relacional e processual, e porquanto a rejeição da pesquisa

qualitativa comparativa seja inaceitável, a ideia de uma sociologia afinada à revolução probabilística, e da orientação da pesquisa sociológica para a busca por mecanismos geradores subjacentes, não diretamente observáveis a nível agregado, mas que possam explicar as regularidades sociais agregadas e observáveis, tem o mérito de ir além do impasse entre a causalidade simplista entre variáveis e a negação de toda inferência causal fora de experimentos fechados e controlados de laboratório, e avançar para uma visão que ao mesmo tempo incorpora a sociologia (e ciência política) na revolução probabilística da segunda metade do século XX e preserva a sua especificidade como ciência humana e social.

REFERÊNCIAS

CANO, Ignacio. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 14, n. 31, p.94-119, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222012000300005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 18 jan. 2020.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOLDTHORPE, John. **Sociology as a Population Science**. Cambridge (Reino Unido): Cambridge University Press, 2016, 168 p., ISBN 9781107567313.

LIZÓN, Ángeles. Estadística y causalidad en la sociología empírica del XX. **Papers: revista de sociologia**, Barcelona (Espanha), n. 80, p.223-255, 2006. Disponível em: <https://papers.uab.cat/article/view/v80-lizon>. Acesso em: 18 jan. 2020.

MCEVOY, Phil; RICHARDS, David. A critical realist rationale for using a combination of quantitative and qualitative methods. **Journal of research in nursing** [online], v. 11, n. 1, p.66-78, 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1744987106060192>. Acesso em: 18 jan. 2020.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. O calcanhar metodológico da ciência política no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**. Oeiras, n. 48, p.27-52, maio 2005. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292005000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2020.

VANDENBERGHE, Frédéric; FUCHS, Stephan. On the Coming End of Sociology. **Canadian Review of Sociology/Revue canadienne de sociologie**, Edmonton (Canadá), v. 56, n. 1, p.138-143, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/cars.12238>. Acesso em: 18 jan. 2020.

Recebido em 22/08/2019.

Aprovado em 11/01/2020.